

PROFESSORAS, GÊNERO, EDUCAÇÃO INFANTIL E BRINCADEIRAS: RELATOS E EXPERIÊNCIAS

Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Larissa Kühn Izidoro Pereira

Prof. Dr Eliane Rose Maio Braga

Resumo: Estudos nos mostram que é nas relações sociais que se constroem os gêneros e a sexualidade do indivíduo. O objetivo desse artigo é apresentar parte dos resultados de uma pesquisa de iniciação científica (PIC), relatando discursos coletados durante uma investigação de campo, através de entrevistas com algumas professoras da Educação Infantil. A investigação buscou interpretar as interações que as professoras estabelecem com as crianças no momento da brincadeira lúdica ou intencional, estabelecendo a influência dos brinquedos na formação de gênero da criança, analisando como ocorre a distribuição de brinquedos na escola ressaltando o contexto cultural e social. Analisando que a relação estabelecida entre a criança e as brincadeiras interfere na formação do imaginário sócio-cultural infantil, representando simbolicamente o que cada um pode (ou não pode) fazer, agir, se comportar, informando o lugar dos meninos e das meninas, e como estes devem ser para serem aceitos desta forma.

Palavras-chave: Gênero, Brincadeiras, Crianças, Formação Docente.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar parte dos resultados de uma Pesquisa de Iniciação Científica (PIC), relatando discursos coletados durante uma investigação de campo, através de observações e entrevistas com algumas professoras da Educação Infantil, que atuam com crianças de 3 a 5 anos, sendo duas instituições de ensino, pública e privada.

Para realizar a pesquisa montamos um cronograma com aproximadamente oito questões relacionadas ao direcionamento da brincadeira, a importância do brincar como atividade pedagógica, a separação de gênero no momento da brincadeira, as atividades esportivas e peças de teatros.

A investigação buscou interpretar as interações que as professoras estabelecem com as crianças no momento da brincadeira lúdica ou intencional, estabelecendo a

influência dos brinquedos na formação de gênero da criança, analisando como ocorre a distribuição de brinquedos na escola ressaltando o contexto cultural e social.

Para entender o estudo de gênero é necessário compreender o papel social existente na relação masculino e feminino, a forma como nos entendemos como homens e mulheres, prevalecendo na maioria das vezes à idéia de que a divisão entre os sexos é algo natural, pré-determinado. É preciso se contrapor a esse pensamento, compreendendo que estas noções foram construídas historicamente e aprendida.

A construção social do gênero no espaço escolar

O argumento existente de que homens e mulheres são biologicamente distintos, e que cada um deve desempenhar um determinado papel, não deve ser usado como argumento único e final.

Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica” a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e justificar – a desigualdade social. (LOURO, 1998. p. 20-21, grifos da autora)

É preciso contrapor-se a esse tipo de argumentação. Demonstrar que não são as características sexuais, mas sim a forma como essas características são representadas ou valorizadas, o que se diz, ou pensa sobre elas é que vai construir o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para entender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade, é preciso observar não exatamente seus sexos, mas tudo o que sociamente se construiu sobre os sexos. Para Louro (1998),

O gênero se constituiu com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. No gênero, a prática social se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico. (p. 22)

Diante disto, pode-se dizer que é no campo social que se constroem e se reproduzem as relações entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades são buscadas nos arranjos

sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. É no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.

Os estudos de Louro (1998) nos mostram que as identidades de gênero também estão continuamente se construindo e se transformando, nas relações sociais os sujeitos vão formando suas identidades como masculino ou femininos, alcançando os seus espaços sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. E esse processo de busca é sempre transitório, modificando ao longo do tempo, historicamente, considerando também as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe, etc.

A construção de gênero inicia-se nas primeiras fases de nossas vidas, momento em que para a criança a divisão de gênero ainda não existe, mas esse processo de socialização de gênero é introduzido de forma sutil, em vários momentos. Como se comportar, o que vestir, o que falar, do que brincar, o que preferir, as opções são diferentes para homens e mulheres.

Deste modo não são as características sexuais que determinam o desempenho de papéis distintos das mulheres e dos homens, mas sim as formas como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou pensa é que vai construir o que é feminino ou masculino, em uma determinada sociedade e em um dado momento histórico. “É no âmbito das relações sócias que se constroem os gêneros” (LOURO, 1998, p.22)

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, atrás de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portando, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1998, p.41)

Com isso podemos ressaltar que toda e qualquer forma de socialização é apropriada por uma cultura que é compartilhada por toda a sociedade ou parte dela.

A impregnação cultural, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa, entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações, “É com essa imagem que a criança poderá se expressar [...] poderá captar novas produções”. (BROUGÉRE, 1995, p.40) A criança não se relaciona só com o mundo adulto, ela necessita do imaginário, das representações, que acontecem através das imagens, dos símbolos e significados.

A infância é conseqüentemente, um momento de apropriação de imagens e de representações diversas que transitam por diferentes canais. As suas fontes são muitas. O brinquedo é, com suas especificidades, uma dessas fontes. [...] considerar o brinquedo não somente a partir de sua dimensão funcional, mas, também, a partir daquilo que podemos denominar sua *dimensão simbólica*. (BROUGÉRE, 1995, p.40-41, grifos do autor)

Os diálogos que permeiam o simples ato de brincar ocorrem durante o manuseio dos brinquedos produzidos pela indústria para separar o masculino e o feminino, “por que os brinquedos possuem formas e possibilitam usos que se destinam a instituir significados para que as crianças reproduzam os papéis socialmente estabelecidos” (BARRETO; SILVESTRI, 2007 p.60.)

Conseqüentemente a relação que a criança terá com os brinquedos e as situações de brincadeiras interferem e influenciam na formação do imaginário sócio-cultural infantil. Estes brinquedos possuem uma representação simbólica, seja na escola ou em casa, sendo possível notar a desestabilização da criança na constituição do lugar de gênero. “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (LOURO. 1998 p.58)

Partindo desse pressuposto, a escola é uma instituição que influencia o imaginário infantil no tocante à cultura de gênero. Os educadores no que diz respeito ao “ensinar” o comportamento masculino e feminino para as crianças precisam ser sensibilizados a uma reflexão, no sentido de orientar a conduta dos meninos e meninas.

Refletindo e analisando algumas falas coletadas nas entrevistas realizadas com as professoras das duas instituições infantis que visitei, nota-se que ainda existe a divisão entre os gêneros, muitas vezes em um formato “camuflado”, no sentido de que no momento da fala a divisão parece não existir, mas quando a atividade é explicada, e exemplificada a separação torna-se evidente.

“Esse ano nós temos uma atividade, que é um espetáculo em que trabalhamos o universo infantil [...] Sim, tinham papéis. Como eu trabalhei com os brinquedos pequenos, eu fiz grupos de crianças, por exemplo, meninas entrando com carrinho de bonecas, brinquedos assim, que elas gostam, só que cada uma escolheu o seu carrinho de boneca e a sua boneca. Outro brinquedo que foi apresentado foi o cavalinho de pau, em que eu separei

um grupo de meninos e um de meninas para o cavalinho de pau. Teve também um grupo que trabalhou com outros brinquedos, que foi o avião, carrinho, mas estes foram escolhidos pelos meninos, já que é a preferência deles, mas eu coloquei bola, que é tanto da preferência dos meninos como das meninas. Eu os deixei escolherem, assim, eu direcionei, mas cada um escolheu o seu carrinho, o seu avião.” (Depoimento professora X)

Nesse depoimento de uma professora da Educação Infantil, é notável a separação de gênero, mesmo a escolha das crianças existindo ela é direcionada, os pequenos têm opções de escolherem os brinquedos, mas de acordo com a separação de gênero, com o que é permitido para o menino e para a menina em nossa sociedade. Há outro fator na fala que deve ser levado em consideração, a oposição entre meninos e meninas, elas podem brincar com alguns brinquedos ditos como para meninos, como a bola e o cavalinho de pau, enquanto os meninos não podem brincar com as bonecas e os carrinhos de bonecas, o menino deve sempre representar o papel machista imposto aos homens (não chorar, não brincar de bonecas).

O depoimento apresentado mostra como as crianças vão aprendendo a se encontrar diante dos outros e da percepção de como é ser menino e menina. A busca pela compreensão da formação de gênero envolve o estudo da formação da criança em seu ambiente social, familiar e escolar. É necessário entender os meios encontrados para a produção e reprodução social da escolha de gênero, esta conscientização precisa existir em toda a sociedade. Em uma das entrevistas isso fica claro,

“Nós promovemos vários tipos de brincadeiras para eles irem interagindo com o sexo oposto - agora mesmo um aluno veio aqui e falou para a menina, eu posso brincar com você de casinha, posso ser o papai? – Eles mesmos escolhem, algumas coisas eles já trazem de casa, por exemplo, as cores, rosa é de menina e azul é de menino, eu explico para eles que não, que todas as cores são lindas, que todas as cores podem ser usadas pelos meninos e pelas meninas e que as brincadeiras também.” (Depoimento professora Y)

Nosso foco de pesquisa foi o ambiente escolar, mas é impossível descartar os outros meios, a impregnação cultural da separação de gênero está inserida em toda a sociedade, como a fala da professora nos revela, *eles mesmos trazem de casa*, deixando claro que a influencia de gênero ocorre em todos os ambientes sociais.

Louro (2000) diz que a escola dissemina a *pedagogia da sexualidade*, que diz respeito às normas, condutas e regras que são estipuladas como aceitas ou não pela sociedade em relação ao sexo. A escola é portanto, um dos ambientes que reforçam “[...] um investimento que, freqüentemente, parece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas, enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas.” (LOURO, 2000 p.25). Diante disso, precisamos analisar as práticas educativas, por exemplo, no momento da brincadeira esses preconceitos podem vir através de frases ou direcionamento do professor, como, “menino não pode brincar de boneca”, “menino não se comporta assim”, “menina tem que ser delicada”, “mas que feio uma menina se comportando assim”.

Para esta reflexão é preciso compreender o universo da criança, é necessário entender o que a brincadeira realmente significa para ela, sem partir do ponto de vista do adulto, que para Oliveira (1984)

Uma das maiores qualidades do brinquedo é a sua não-seriedade. O brinquedo não é sério para as crianças porque permite a elas fazer fluir sua fantasia, sua imaginação. Justamente por não ser sério, ele se torna importante. É a não-seriedade que dá seriedade ao brinquedo. (OLIVEIRA, 1984, p.10)

A criança ao brincar aplica toda a sua sensibilidade, ela nega o empirismo comum nos adultos. Aquilo que é, não é. Um carrinho não é apenas um carrinho, é tudo aquilo que a imaginação da criança quer.

Oliveira (1984) nos diz que, a descoberta do real é uma viagem que vai muito além do mundo das aparências. O que está óbvio e visível no brinquedo não são capazes de contentar as crianças, elas precisam e querem sonhar experimentando seus sentidos com os brinquedos, e ao lado deles, as crianças exploram, conhecem e sentem o mundo real e imaginário.

O processo de imaginar é novo para a criança, de acordo com Vigotski (2008), ela surge a partir da ação. A idéia de que, o brincar é imaginação em ação, deve ser invertido, pode-se dizer que a imaginação é o brinquedo sem ação. Diante disso, Vigotski (2008) afirma que, o brinquedo é diferenciado de outras atividades pelo fato da criança criar situações imaginárias. Essa idéia não é nova, porém a imaginação sempre foi vista como

um tipo de brincadeira, não era reconhecido como uma característica definidora do brinquedo em geral.

Diante disso a criatividade da criança não é resumida à criação, mas também esta relacionada à recriação do significado do brinquedo, por exemplo, o brinquedo industrializado é parte do imaginário social, é uma das formas pelas quais a sociedade representa e reproduz a si mesma. Oliveira (1984) ressalta que o brinquedo industrializado é uma mercadoria criada para formar nas crianças modos de agir e de pensar correspondentes aos da ideologia dominante.

Ao brincar, a criança aprende a se expressar no mundo, participando de novas experiências e aquisições, convivendo com outras crianças, socializando-se espontaneamente. O brinquedo é encantador por ter a capacidade de instigar a imaginação infantil, e não da possibilidade de imitação de gestos, informações, crenças e atitudes ligadas na situação de brinquedo, brincadeira.

O imaginário social é uma construção de grupos sociais determinados, faz parte da realidade social não como prática, mas como interpretação que tais grupos fazem dessa realidade social. As crianças buscam no brinquedo explorar e conhecer melhor o real, recriando-o e criando-o do seu jeito, dessa forma, o sentido do brinquedo para a criança, nem sempre é o óbvio, é o que as aparências sugerem.

Esse depoimento confirma a importância da brincadeira na Educação Infantil,
“A brincadeira acontece a todo o momento, após uma atividade, sempre após a história que ou tem uma música, ou uma atividade de pintura ou um brincar de faz de conta com os brinquedos daqui.” (Depoimento professora A)

Em todos os momentos da brincadeira, as crianças estão experimentando, buscando novos prazeres, satisfazendo curiosidades. A escola deve e pode apresentar características positivas quanto a formação de gênero e formas dessas relações, a Educação Infantil pode ser um espaço favorável para o não-sexismo. É necessário que os professores e profissionais que trabalham na Educação Infantil tenha consciência deste potencial, para a partir daí repensar a sua prática educativa. Entendendo que a Educação Infantil é o primeiro contato que a criança tem com a sociedade, com outras crianças, é importante ela se sentir inserida no ambiente, para que possam desfrutar da sexualidade e das relações de gênero de forma prazerosa.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi apresentar parte dos estudos de um projeto referentes a gênero, sexualidade, brincadeira e suas relações. Compreendendo que, a todo o momento a influência da sociedade na formação da identidade e gênero da criança ocorre, evidenciando como as representações desenvolvem identidades e maneiras de se comportar, agir, ser, de acordo com o momento histórico vivido. Diante disto, podemos afirmar que a relação estabelecida entre a criança e as brincadeiras e brinquedos interfere na formação do imaginário sócio-cultural infantil, representando simbolicamente o que cada um pode (ou não pode) fazer, agir, se comportar, informando o lugar dos meninos e das meninas, e como estes devem ser para serem aceitos desta forma.

Partindo desse pressuposto, a compreensão de gênero engloba o estudo da formação da criança em seu ambiente social, escolar e familiar, tornando necessário o entendimento dos meios encontrados para a produção e reprodução social da “escolha” de gênero. Os brinquedos e as brincadeiras são um dos meios encontrados para tais representações, já que para a criança o brinquedo é uma maneira de se encaixar no mundo, de buscar um modo de saciar sua curiosidade de conhecer tudo.

O/a profissional da Educação não deve repreender a criança no seu desejo de conhecer e experimentar tudo por relações de gênero existentes na sociedade. Precisamos reconhecer que a escola não é um ambiente neutro, ela está inserida na sociedade e faz parte dela, é também um meio de reprodução, ela participa da construção da identidade de gênero, que inicia-se nas primeiras relações das crianças no ambiente coletivo.

Nas entrevistas, é notável que a separação de gênero ocorre sutilmente, e não em todos os momentos das atividades e das brincadeiras, mas ainda há um longo caminho a percorrer. A fala muitas vezes impregnada de preconceitos, muitas vezes imperceptíveis aos olhos de quem fala, ainda existem, e a todo o momento.

O mundo das crianças precisa desconstruir as relações estabelecidas de gênero, os brinquedos e brincadeiras não devem ser coligados a significados femininos e masculinos. Para os educadores é preciso a compreensão de que na brincadeira não existem fronteiras para o que é ou não permitido para cada sexo. Nesta concepção o significado das brincadeiras e dos brinquedos é atribuído pelos adultos, para que as crianças reproduzam e sejam o que a sociedade deseja.

Discutir e refletir as questões de gênero na educação é questionar conceitos pré-estabelecidos, determinações que permeiam as práticas pedagógicas são discutir as relações das práticas educativas, desconstruindo significados. É um processo longo e contínuo de análises e reflexões, é entender, estudar nosso contexto social, político, econômico, educacional, é re-significar a nossa própria história.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

BARRETO, Flavia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. Relações dialógicas interculturais: Brinquedos e Gênero. *In*: RIBEIRO, Claudia Maria; SOUZA, Maria Silva de. **Educação Inclusiva: tecendo Gênero e diversidade Sexual nas redes de proteção**. Lavras, MG: Ufla, 2008. p. 59-83.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.?

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.09-27.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é Brinquedo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br